

## **AULA 05 – INTRODUÇÃO AOS PROFETAS (TEXTO ADAPTADO)**

A palavra “Profeta” vem do hebraico e a tradução mais comum é “nabi”. Não é certa a significação original da raiz (NB’). Segundo alguns estudiosos, esta raiz significa “Ferver, borbulhar”, ao que muitos entendem o termo “Profeta” como sendo, “Aquele que ferve com a mensagem ou com a inspiração divina”. Todavia, outros acham mais provável que Nabi esteja em conexão com uma raiz assíria ou árabe, que significa “proferir, anunciar uma mensagem”, está em conformidade com Êxodo 7:1, onde está escrito o seguinte: “tenho te posto por deus..., e Arão,... será o teu profeta (mensageiro)”. Esta designação pode apontar não apenas o porta-voz de Deus, mas funções de legislador, adivinho e alguém dotado de vida, mensagem e atos poderosos como vemos no AT. O ofício e dom ainda aparecem no NT, mas com conotação diferenciada de pregador, mestre, sobretudo nas características apocalípticas de apontar para o juízo final de Deus.

A designação de profetas maiores e menores veio com Agostinho. Esta designação aponta tanto para o tamanho dos livros quando pelo tempo e relevância dos profetas indicados. No entanto, podemos comparar o tamanho de livros como Daniel (um profeta maior) e Oseias e Zacarias (profetas menores) cujos livros são maiores.

Além dos que comumente chamamos e reconhecemos como profetas, sabemos que este ofício ou ministério é muito maior. Sabemos que Arão foi enviado por Deus para entregar sua mensagem a Faraó, porque Moisés achava que não conseguiria falar. Deus, então, fez um acordo com Moisés dizendo-lhe que lhe diria o que deveria dizer ao rei, mas o autorizava a passar a missão a Arão, que por sua vez seria o seu mensageiro. (Ex 4.14-16). Só para constar, Arão era o irmão primogênito de Moisés (3 anos mais velho), sendo a irmã do meio Miriã, e Moisés era o caçula. Leia Ex 7.7.

A palavra “Profeta” no grego é “Prophetes”, que significa “alguém que fala por um deus e interpreta sua vontade”. Assim, de acordo com a Pequena Enciclopédia Bíblica, Profeta é

“Alguém cujo ofício é servir como porta-voz de Deus, cuja mensagem é para admoestação ou predição”. Apesar de Moisés ter servido como profeta (porta-voz de Deus ao povo), ser profeta ainda não era considerado um ofício, uma função reconhecida, como era a de sacerdote. Assim, a primeira pessoa que foi reconhecida como tal, foi Samuel. Ou seja, a partir dele, assim como havia o ofício de rei, de pastor de ovelhas, de artesão, de sacerdote, também havia o de profeta.

Após a vinda de Jesus a Terra, não houve mais esse ofício, na verdade, segundo a Bíblia, o último homem a ser reconhecido na função de profeta, foi João Batista. (Veja em Mt 11:13). Entenda: Reconhecido pelo nome de profeta, como um cargo. Deus instituiu homens para a função de profetas, isto é, Ele elegeu algumas pessoas para entregar seus recados ao povo. Isto ocorreu porque na época de Moisés o povo teve medo de morrer caso Deus lhes falasse diretamente, então pediram que Moisés lhes falasse em lugar de Deus. Daí para frente, Deus falava com Moisés e este servia de porta-voz ao povo. (Leia Ex 19.17; 20;18,19; Dt 5. 1,4,5; 18.15,18).

Uma vez que Deus não falava mais diretamente com o povo, ele falava com eles através dos profetas. Por isso em Pv 29.18, Salomão diz: “Não havendo profecia o povo se corrompe”. Em outras palavras, nós podemos entender que, se não houvesse profetas (mensageiros de Deus), o povo se perderia em seus pecados.

Havia uma grande diferença entre “profetas” e “sacerdotes”, dois ofícios importantíssimos na época do Velho Testamento (da velha aliança de Deus com Israel). Os profetas eram como canais onde Deus se utilizava para falar com o povo. Já os sacerdotes, eram pessoas separadas por Deus para sacrificar a Ele em favor do povo.

No Antigo Testamento, isto é, no Antigo Pacto de Deus com Israel, quando alguém pecava devia levar um animal para que o sacerdote o sacrificasse para remissão do pecado do ofertante, a fim de que Deus os visse novamente como um povo puro.

Então, podemos resumir da seguinte maneira: O homem falava com Deus através do sacerdote; Deus falava com o homem através do profeta.

Os profetas no Antigo Testamento são classificados da seguinte maneira: Profetas Maiores e Profetas Menores. Genericamente, já que apontamos alguma dificuldade com este ponto de vista, é importante que entendamos que esta classificação nada tem a ver com a importância dos profetas, mas com o tamanho de seus livros. Por exemplo, o livro de Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniel, são livros relacionados a profecias e ao mesmo tempo são mais extensos do que os demais livros proféticos, então, por essa razão foram classificados como Profetas Maiores. Os outros doze livros que são respectivamente: Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias, que também tratam de assuntos relacionados a profecias, são chamados de Profetas Menores, porque seus livros, em geral, são menores que os outros.

Também são classificados como Profetas Oraís e Escritores: Os oraís são aqueles profetas que são mencionados em algum livro da Bíblia, mas não tem o seu próprio, como é o caso de Natã, que é um profeta mencionado no livro de 1 Samuel e não existe um livro com o seu nome. O mesmo acontece com os profetas Elias e Eliseu, cujos nomes são mencionados no livro de Reis, e nenhum deles possui o seu próprio livro. Além disto, os profetas são diferenciados por suas atuações e locais de atuação. Há profetas nos palácios dos Reis, há profetas entre as famílias sacerdotais, há profetas entre as pessoas comuns do povo. Não apenas como escritores e não escritores, alguns pregavam em praças públicas, nos palácios, tanto usando a fala quanto encenando as ações proféticas.

Os Profetas classificados como Escritores, por exemplo, são aqueles cujos nomes foram mencionados no próprio livro escrito por eles. É o caso de Isaías, Daniel, Jeremias, Jonas e demais citados acima.

No início Israel vivia sob o regime da teocracia (governo onde o próprio Deus era o governante), e o povo conhecia suas leis através dos profetas que lhes anunciavam: Deus dava a ordem ao profeta e ele passava ao povo. Veja por exemplo, Isaías 1. 2: “Ouvi, ó céus, e dá

ouvido, ó terra, porque o Senhor é que fala ...” mesmo assim, já na monarquia os profetas exerceram uma função fundamental. O profeta falava em nome do próprio Deus. Ele era apenas um mensageiro, enquanto que Deus era o autor da mensagem. Em 2 Rs13.15-17, vemos uma historia onde um rei vai procurar um profeta para que ele lhe diga o que Deus ordena que ele faça. Era dessa maneira que funcionava a teocracia (o governo de Deus): Deus enviava sua palavra ao homem através do profeta, e recebia o povo através do sacerdote. Porém, em uma determinada época, os israelitas não queriam mais ser governados por Deus e pediram para que Ele lhes permitisse ter um rei humano, assim como era nas outras nações.

Apesar de Deus ficar muito triste por ser rejeitado pelo seu povo e saber a grande bobagem que eles estavam fazendo, ordenou que Samuel (seu profeta) lhes dissesse que Ele atenderia o desejo deles, e a partir daí Saul foi constituído por Deus, como o primeiro rei de Israel (Leia 1 Sm 8.4-9).

Para finalizar, vamos lembrar duas coisas sobre os profetas:

1º: O primeiro a ser reconhecido na função de profeta foi Samuel.

2º: O último a ser considerado profeta foi João Batista.

Mas não devemos nos esquecer do chamado profético e do dom de profecias como situações que extrapolam estes limites. Portanto, devemos tomar cuidado com aqueles que assim se denominam dizendo ter o ofício (cargo) de profetas. Deus ainda usa seus profetas, pois o apóstolo Paulo fala que existe o dom de profecia (1 Co 12.10), no entanto, existem muitas “profetadas” (falsas profecias) que devem ser analisadas e julgadas, conforme nos admoesta a Palavra de Deus em 1 Coríntios 14.29. Quando a profecia é da parte de Deus ela tem que se cumprir cabalmente, não em partes. Observe o alerta de Deus em Deuteronômio 18.21,22:

“Se disseres no teu coração: Como conhecerei a palavra que o Senhor não falou? Sabe que, quando esse profeta falar em nome do Senhor, e a palavra dele se não cumprir, nem suceder, como profetizou, esta é palavra que o Senhor não disse; com soberba a falou o tal profeta; não tenhas temor dele.”

Mas há um alerta de que haverá profetas cujas profecias se cumprirão, mas mesmo assim serão falsos quando procurarem por meio do cumprimento de suas profecias levar o povo a outros deuses. Veja Deuteronômio 13:1-3:

“Quando profeta ou sonhador de sonhos se levantar no meio de ti, e te der um sinal ou prodígio, e suceder o tal sinal ou prodígio, de que te houver falado, dizendo: Vamos após outros deuses, que não conheceste, e sirvamo-los; Não ouvirás as palavras daquele profeta ou sonhador de sonhos; porquanto o Senhor vosso Deus vos prova, para saber se amais o Senhor vosso Deus com todo o vosso coração, e com toda a vossa alma.”

E, em relação aos que profetizam falsamente em nome do Senhor, fica a advertência do próprio Deus em Ezequiel 13. Leia e medite no quanto Deus se ira com aqueles que, em Seu nome dizem o que o Senhor não disse.

Leia a Bíblia, pois é a profecia que jamais falha. Não vá atrás de profeta, pois Deus há de falar com você, como e quando Ele quiser, ainda que o faça por meio de profecia.

Profecia é um dos meios pelos quais Deus fala conosco, não o único. E, aliás, se Deus não mandava seus profetas do Antigo Testamento, que “trabalhavam” como Profeta, para falar toda hora com seu povo, mas só os enviava em casos especiais, por que hoje, quase todos os dias, ouvimos profetas profetizando sobre as coisas mais banais da vida?

Ore, peça sabedoria a Deus, pois Ele a dá (Leia Tiago 1.5,6 ). Fuja de qualquer movimento onde impere a emoção acima da razão, pois Deus não é Deus de confusão (1 Co 14.33).

Somos seres emocionais, todavia, não podemos nos esquecer de que, da mesma forma, somos seres racionais, conforme nos exorta o apóstolo Paulo ao aconselhar os irmãos de Roma a apresentarem a Deus um culto racional (com a razão, com o entendimento), conforme observamos no texto abaixo:

“Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus que é o vosso culto racional.” (Rm 12.1).

O quadro abaixo mostra os profetas em relação aos eventos:

<b>Os 12 Profetas Menores</b>	<b>Acontecimentos Políticos</b>
Oséias Joel Amós Jonas Miquéias Naum	<b>DOMINAÇÃO DA ASSÍRIA</b> Queda de Samaria, 722 a.C. Exílio de Israel na Assíria Queda de Nínive, 612 a.C. Fim do Império Assírio
Habacuque Sofonias	<b>DOMINAÇÃO DA BABILÔNIA</b> Queda de Jerusalém, 587 a.C.
Obadias	<b>EXÍLIO DE JUDÁ</b> Na Babilônia durante 70 anos Queda da Babilônia, 539 a.C.
Ageu Zacarias Malaquias	<b>DOMINAÇÃO DA PÉRSIA</b> O rei persa Ciro toma a Babilônia, e em 538 a.C. autoriza a volta do exílio. Restauração do templo, 517 a.C. Espera do Messias, 450 a.C.

Um novo quadro apontando as áreas de atuação, cronologia e ordem no Cânon ocidental:

<b>Grupo</b>	<b>Livros</b>	<b>Ordem Bíblica</b>	<b>Ordem Cronológica</b>
<b>Profetas de Israel</b>	1. Jonas	1. Oseias	1. Obadias
	2. Amós	2. Joel	2. Joel
	3. Oseias	3. Amós	3. Jonas
<b>Profetas de Judá</b>	1. Obadias	4. Obadias	4. Amós
	2. Joel	5. Jonas	5. Oseias
	3. Miqueias	6. Miqueias	6. Miqueias
	4. Naum	7. Naum	7. Naum
	5. Sofonias	8. Habacuque	8. Sofonias
	6. Habacuque	9. Sofonias	9. Habacuque
<b>Profetas Pós-exílio</b>	1. Ageu	10. Ageu	10. Ageu
	2. Zacarias	11. Zacarias	11. Zacarias
	3. Malaquias	12. Malaquias	12. Malaquias
<b>Total:</b>	12 Livros	12 Livros	12 Livros

Abaixo, uma pequena explicação de cada livro que veremos com mais detalhes. As descrições abaixo vem do Trabalho sobre Historia da Salvação presente no blog.

**Isaías** - Isaías profetiza a respeito do exílio por causa da infidelidade de Israel. No entanto Deus trará Israel do exílio; sua restauração prefigura a salvação climática em Cristo. Cristo

como o Messias e —servo do Senhor irá purificar o seu povo do pecado, cobri-los com glória e espalhar as bênçãos às nações. Cristo cumpre a profecia em sua primeira e segunda vinda.

**Jeremias** - A profecia de Jeremias é rejeitada pelos seus contemporâneos, prefigurando a rejeição da mensagem profética de Cristo a Israel (Lc 11: 49–51). O julgamento de Deus contra Israel pela apostasia prefigura o julgamento que Cristo carregou como substituto pela apostasia da humanidade (1 Jo 2: 2). E também prefigura o julgamento final (Ap 20: 11–15). A restauração do exílio prefigura a restauração final de Deus por meio de Cristo (Heb 10: 19–22).

**Lamentações** - O lamento sobre Jerusalém antecipa o lamento de Cristo sobre a queda futura de Jerusalém (Lc 19: 41-44). Em ambos os casos, Jerusalém sofre por seus próprios pecados. Mas o sofrimento pelo pecado encontra um remédio quando Cristo sofre como um substituto pelos pecados do seu povo (2 Cor 5:21; 1 Pe 2: 22-24).

**Ezequiel** - Deus julga a apostasia de Israel por meio do exílio. Israel sofre por seu próprio pecado, e assim fazendo antecipa o julgamento final de Deus contra o pecado (Ap 20: 11-15). Mas o sofrimento também antecipa os sofrimentos de Cristo pelos pecados dos outros. A subsequente bênção na restauração prefigura as bênçãos da eterna salvação em Cristo (Ef 1: 3-14). A expressão Filho do Homem também expressa, com se vê no NT, a presença de Deus como homem entre homens como o proposito de salvar o perdido.

**Daniel** - Daniel e seus amigos exemplificam o conflito entre o reino de Deus e o reino do mundo, um conflito que virá a ter seu clímax em Cristo, tanto em sua primeira vinda quanto em sua segunda vinda. A fidelidade de Daniel, assim como toda sua mensagem escatológica rica em símbolos, aponta para a salvação e intervenção de Deus.

**Oséias** - A infidelidade de Israel clama por uma solução permanente, a qual veio por meio da fidelidade de Cristo ao Pai e por meio da obra que ele opera no coração do seu povo por meio do Espírito. O amor de Deus por Israel aponta para o amor de Cristo pela igreja (Ef 5: 25–27).

**Joel** - O dia do Senhor traz julgamento contra o pecado, mas também inclui bênção. Ambos os aspectos são cumpridos na primeira e na segunda vinda de Cristo.

**Amós** - Deus vem a Israel com julgamento pelo pecado e promessas de restauração. O julgamento e restauração antecipam a crucificação e ressurreição de Cristo, assim como o julgamento final (Ap. 20: 11–15). A demanda por justiça é cumprida plenamente na justiça de Cristo (Rom 8: 1–4).

**Obadias** - O julgamento contra Edom, um inimigo tradicional de Israel, contribui para a bênção do povo de Deus. O julgamento e vindicação prefiguram a vindicação de Cristo e os julgamentos contra seus inimigos, tanto em sua primeira vinda quanto na segunda.

**Jonas** - O resgate de Jonas da morte prefigura a ressurreição de Cristo (Mt 12: 39–40). O arrependimento dos ninivitas prefigura o arrependimento dos gentios que responderam ao evangelho (Mt 28: 18–20; Lucas 24: 47).

**Miquéias** - Deus pronuncia seu julgamento sobre Israel, prefigurando o julgamento final (Ap 20: 11–15) e o julgamento que caiu sobre Cristo (Gal 3: 13). Ele promete também bênçãos por meio do Messias, antecipando bênçãos da salvação em Cristo (Ef 1: 3–14).

**Naum** - O julgamento de Nínive, um inimigo tradicional do povo de Deus, prefigura o julgamento final e destruição de toda oposição (Ap 20: 11–21: 8).

**Habacuque** - Deus usa uma nação ímpia para aplicar sua justiça, apontando para o uso dos oponentes perversos para aplicar seu propósito na crucificação de Cristo.

**Sofonias** - Julgamentos sobre o mal antecipam o Juízo Final (Ap 20: 11–15) e indicam a necessidade da obra de Cristo e sua substituição vicária para nos livrar do julgamento.

**Ageu** - A reconstrução do templo prefigura a reconstrução dos templos do NT: a igreja (1 Cor 3: 16; Ef 2: 20–22) e a nova Jerusalém (Ap 21: 9–22: 5).

**Zacarias** - A reconstrução no tempo da restauração do exílio prefigura a eterna salvação que vem em Cristo.

**Malaquias** - A desobediência é eliminada com a vinda de Cristo e sua purificação.

